

Nietzsche: arte e moral na tragédia ática

Rogério Giovani Soares Ferreira¹

Resumo: Pretendemos examinar, darmos os primeiros passos na verdade, rumo ao entendimento do pensamento de Nietzsche, quanto a constituição da serenojovialidade grega, a saber, da marcante presença dos impulsos artísticos, o Apolíneo e o Dionisíaco, que apontam vigorosamente para uma configuração de mundo fundado em um ideal moral de existência da vida. Em seguida procuraremos traçar alguns pontos, mesmo que, ainda superficiais sobre o ponto de convergência entre a moral e seus valores fundamentais e a perspectiva nietzschiana sobre a moral e a vida.

Palavras-chave: Arte; Moral; Vida; Civilização; Gregos.

1. INTRODUÇÃO

As críticas acerca dos valores morais e da constituição da arte que constituíram a civilização ocidental sempre obtiveram um destaque maior na filosofia de Nietzsche. O modo como ele propõem a inversão dos valores, indubitavelmente, abala o lastro legado, até então, de forma bem consistente, tanto por Sócrates quanto por Platão na fundamentação dos valores que orientam a civilização ocidental. Com isso, as obras: *O Nascimento da tragédia* e *Genealogia da moral*, assumem uma posição estratégica na edificação dessa crítica de maneira audaciosa, sobretudo pela promoção do caráter metafísico ser atribuído à arte e não, como outrora, à moral. O destaque dado as figuras de Apolo e Dionísio, mas sobretudo a de Dionísio como princípio afirmativo da vida, no *Nascimento da tragédia* é, segundo Nietzsche, por entender que Dionísio, rompe com uma tradição que se ancora na segurança de uma vida comum, cotidianamente costurada pela moral.

Desse modo examinaremos, os argumentos de Nietzsche, quanto a constituição da serenojovialidade grega, a saber, da marcante presença dos impulsos artísticos, o Apolíneo e o Dionisíaco, que apontam vigorosamente para uma configuração de mundo fundado em um ideal moral de existência da vida.

Tendo em vista a nossa proposta de trabalho, examinaremos o tema proposto dentro do horizonte das obras de Nietzsche, a saber, de maneira mais detida em alguns dos escritos da primeira fase. Como por exemplo: *A visão Dionisíaca do Mundo*, *O Nascimento da tragédia*, *A Filosofia na idade trágica dos gregos*. Da segunda fase: *Humano demasiado Humano*, *Aurora*, *Além de Bem e Mal* e *Genealogia da Moral*. E da terceira fase: *O Crepúsculo dos Ídolos*

1 Mestrando em Filosofia pela FAJE.

e *Ecce Homo*. Assim como de alguns fragmentos póstumos, a saber, os de junho–julho de 1885. Onde em todos eles buscaremos circunscrever a temática estabelecida entre a dimensão trágica da vida e sua extensão moral.

2. A MOTIVAÇÃO: ESTADO DA QUESTÃO

Esse “estado da questão” tem como objeto o pensamento de Nietzsche sobre os gregos. Contudo faz-se necessário dois esclarecimentos. O primeiro é que faremos, para este momento, uma redução na amplitude do nosso campo de investigação por entendermos ser inviável tratarmos de todas as questões que envolvem o pensamento de Nietzsche sobre os gregos neste espaço. Vamos, com isso, tratar do pensamento de Nietzsche sobre: o par de impulsos criativos constitutivos da tragédia, a saber, Apolo e Dionísio, responsáveis, segundo Nietzsche, pela constituição da arte trágica e, consequentemente da serenojovialidade grega que culminará em uma estética da existência afirmativa da vida. E de Eurípedes e Sócrates, estes, segundo Nietzsche, os responsáveis diretos pela morte da tragédia, pela constituição de um gênero artístico racional e de uma estética da existência negativa, nefasta, determinada em despotencializar a vida. O segundo esclarecimento é que, o simples fato, de se constituir um pensamento sobre os gregos não pode ser encarado como mais um entre tantos outros que se constituíram ou que se constituirão. O objetivo de Nietzsche é ir além do lugar comum. É propor uma nova maneira de pensar o período helênico. Uma maneira, digamos, isenta de cientificidade e, até mesmo de não-cientificidade. Serei mais claro. Quanto á cientificidade a questão se apresenta de maneira um pouco mais árdua do que de costume. Isso por que ela envolve os comentários críticos desferidos, principalmente, por Ulrich von Wilamowitz-Möllendorf, a propósito da receptividade da obra na Alemanha, que dentre outros ataques afirma que Nietzsche não se apresenta como “pesquisador científico”, além de questionar o apoio buscado, em “opiniões” chanceladas, por Richard Wagner. (Cf. MACEDO. 2006. Pág:125). Já quanto á não-cientificidade, Nietzsche não se mostra preocupado em fundar uma nova ciência. Uma nova maneira de pensar que possa se tornar absoluta, o que ele pretende é promover uma inversão de valores que possam contribuir para justificar uma visão diferente de mundo, denominada por ele de concepção trágica do mundo.

3. A QUESTÃO

A concepção do trágico em Nietzsche está implicitamente condicionada ao “dizer Sim à vida”, e isso significa estar prontamente apto para enfrentar todas as adversidades que eventualmente, ela nos reserva. Aqui, para Nietzsche não importa se estas adversidades são duras ou estranhas, o que tem que prevalecer é a inesgotável “vontade de vida”. Podemos notar que há, por parte de Nietzsche a tratativa de uma problemática que envolva a existência proferida, em alto e bom som, pela afirmação, pelo caráter afirmativo da vida.

Em Nietzsche o ponto de partida, digamos assim, o plano de fundo para se pensar o problema da existência tem sua origem no §1 de sua *Tentativa de autocrítica*, do nascimento da tragédia. Depois de um breve relato do que poderíamos interpretar como uma espécie de cenário, a saber, os bastidores da guerra franco prussiana, assolado pelo pensamento sobre os gregos, sobretudo, pela serenojovialidade dos gregos e de sua arte, Nietzsche se põe à questionar sobre o sentido de um povo tão altivo, tão propenso ao sucesso, ou melhor, nos dizeres do próprio Nietzsche, “a mais bem sucedida, a mais bela, a mais invejada espécie de gente até agora, a que mais seduziu para o viver, os gregos – como? Precisamente eles tiveram necessidade da tragédia? Mais ainda – da arte? Para quê – arte grega?” (NIETZSCHE. 1992. p. 14)

Com esse questionamento, Nietzsche ecoa para muito além do seu tempo a problemática sobre o valor da existência. Onde, após percorrer um longo caminho de dúvidas que abrange desde o pessimismo até a fundação da moral com Sócrates, Nietzsche no §3 retoma a condição de existência vinculando a sua, digamos, incompreensão à incapacidade deste mesmo povo glorioso, o grego, em responder à pergunta: “o que é dionisiaco?”. Com isso, todo o referencial de cultura constituído, reverenciado e imitado dos gregos é, no mínimo, posto em questão.

Diante disso, segue ele disposto a responder tal questão. Dionisiaco é, segundo Nietzsche, um sabedor. Muito embora tenhamos que destacar o arrefecimento dele a reconhecer a tamanha dificuldade, a árdua tarefa que é tratar da “origem da tragédia entre os gregos”.

O fio condutor que orientará a empreitada de Nietzsche, “é a relação dos gregos com a dor, seu grau de sensibilidade – esta relação permaneceu igual ou se inverteu? –, aquela questão de se realmente o seu cada vez mais forte anseio de beleza, de festas, de divertimentos, de novos cultos brotou da carência, da privação da melancolia, da dor”. (NIETZSCHE. 1992. p. 17). E imediatamente o seu oposto. Assim, Nietzsche encerra os seus levantamentos com a celebre questão. “O que significa, vista sob a óptica da vida – a moral?”.

“A arte – e não a moral” – apresentada como a atividade propriamente metafísica do homem. Vocifera Nietzsche ao afirmar que a existência do mundo, aqui ele propõe uma metafísica de artista e, com isso, constitui uma contravaloração que irá indiscriminadamente afirmar a vida e negar, peremptoriamente a vigência da moral.

No entanto, cumpre tentarmos delinear sumariamente, um pouco melhor esse argumento. É no §2 parágrafo do *Nascimento da tragédia*, que Nietzsche se detém, se aproxima, segundo ele, dos gregos. O propósito dessa aproximação é estabelecer um reconhecimento para saber em que ponto eles estavam comprometidos e, conseqüentemente, qual seria o grau de desenvolvimento desses impulsos artísticos da natureza. Assim Nietzsche entende obter melhores condição para apreciar a relação do artista helênico com os arquétipos artísticos.

4. A MORAL

Agora empreenderemos no terreno da moral. Transitar no terreno da moral não é uma tarefa fácil. Mas Nietzsche com toda sua perspicácia constituiu um terreno singular e crítico para se pensar a moral tomando-a como um problema, para se tratar do valor da moral, para se pensar em detalhes o valor da moral. Embora houvesse por parte de Nietzsche, em alguns momentos, a cambiante sensação de ter de lançar-se ao abismo da incerteza para obter variadas respostas. Ou, até mesmo, que tivesse que “comparar e diferenciar épocas, povos, hierarquias de indivíduos, e de até especializar o seu problema” (Cf. GM/GM. Prólogo. § 3. P:9) Nietzsche tinha ido além. A moral estava problematizada. Esse era o seu propósito, tratar da questão moral sob a perspectiva de seu valor.

Nietzsche não hesitou, assumiu o confronto, observamos que neste confronto, Nietzsche destaca a questão do valor do não-egoísmo, dos instintos de compaixão, abnegação, sacrifício, que precisamente Schopenhauer havia dourado, divinizado, idealizado, por tão longo tempo que afinal eles lhe ficaram como “valores em si”, com base nos quais ele disse *não* à vida e a si mesmo. (Cf. GM. Prólogo. § 5. Pág: 11). Tocando adiante Nietzsche delineia o seu problema até que, finalmente, houve um terreno consolidado. “Um chão próprio, um mundo silente, um jardim secreto do qual não houvesse suspeitas” (Cf. GM/GM. Prólogo. §3. P: 9).

O problema do valor da moral criticado por Nietzsche aparece em virtude da fundamentação dos valores morais que negam a vida e os instintos. Desta maneira, Nietzsche nos alerta, afirmando que este ato de negação da vida e dos instintos possibilita que a humanidade fique suscetível a uma sedução que enfraquece a vontade fazendo com que ela atue em uma direção contrária à própria vida. É neste ponto que a suspeita Nietzscheana se irradia.

O movimento contrário executado pelos instintos provocado pela moral promove um imenso dano à humanidade conduzindo-a rumo ao nada, isso é, de acordo com Nietzsche, “a última doença que se anuncia tenra e melancólica” (Cf. GM/GM. Prólogo. § 5. P: 11). Com isso, ele entende que o seu problema ganha uma nova dimensão. O seu questionamento agora é constituído por uma nova exigência que ele denomina ser a necessidade de colocarmos em suspeita o próprio valor dos valores morais.

No entanto, a investigação destes valores se dará de forma mais eficiente se levarmos em consideração alguns aspectos que envolvem tanto o conhecimento das circunstâncias, quanto das condições nas quais surgiram e se modificaram a moral.

Tratar a moral sob este aspecto é algo desafiador. Nietzsche inaugura a constituição de um tipo de conhecimento na modernidade já que, até então, os valores morais eram pensados como absolutos, como efetivos, como algo em si e, por isso, além de qualquer tipo de questionamento. Nietzsche rompe com essa maneira de avaliar colocando em dúvida o valor “Bom” que, até então, era posto acima do “Mau” ocupando uma posição no sentido de promoção, de expressa utilidade. Com essa nova perspectiva de avaliar o valor dos valores morais, Nietzsche questiona no prólogo da *Genealogia* se o valor “Bom” ao invés de pleno e

fecundo para o homem fosse degenerativo e estéril? Desta forma, ao pensar na contramão do que até hoje foi pensado, Nietzsche suprime toda a representatividade alcançada pela moral. Ela que sob a condição de contribuir para a sobrevivência do homem acabaria por selar de vez o seu fim.

Colocando em xeque o valor dos valores morais há por parte de Nietzsche a constituição de um novo horizonte para se pensá-los, contudo, não podemos deixar de destacar que por trás deste objetivo investigativo que trilha todo o terreno da moral existe, em contrapartida, a descoberta de uma outra moral, de uma outra forma de atribuir valor aos valores morais, de uma moral que realmente houve que exige um tipo de valoração e um novo olhar, que merece uma nova atenção um novo questionar. No entanto, para que isso aconteça era necessário, além de lançar um novo olhar, desta vez mais agudo mais imparcial, sob as formas de valorações da moral, colocar-se à distância, para desta maneira, conseguir que o processo histórico da moral fique imune do emaranhado de hipóteses utilitaristas. Neste ponto, Nietzsche nos chama atenção sobre o fato de que, muito embora, o dr Rée tenha desenvolvido uma série de hipóteses sobre a moral ele continuava a traçar o percurso da moral de maneira equivocada, ainda, sob uma perspectiva absoluta e utilitária, impressa sob um horizonte azul, fundamentando-a cada vez mais na região da ciência, da utilidade, da manifestação não-egoísta.

Nietzsche tenta marcar posição frente a esse horizonte constituído pelos genealogistas ingleses mostrando que há uma nova tonalidade no horizonte além do absoluto azul celestial, que há uma nova perspectiva que não somente a da metafísica e, posteriormente, do cristianismo para se pensar a moral e o seu valor. A genealogia Nietzscheana se interessa por um tom cinza por recorrer a documentação, ao efetivamente constatável que possibilita o aprofundamento da investigação. Nietzsche não se interessa pela superficialidade como a que seduz aos genealogistas ingleses. Para ele é importante ao se questionar o valor dos valores morais lançar-se além do passado moral humano, ir de encontro ao período pré-moral da humanidade. Aqui observamos que Segundo Paschoal, o período pré-moral da humanidade tem como principal característica que o imperativo “conhece-ti a ti mesmo” ainda não era conhecido. (Cf. Paschoal. *A Genealogia de Nietzsche*. p:56. Ver também: NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do Mal*. §32. NIETZSCHE. *Genealogia da Moral*. Prólogo § 4. 1998.)

E é, como já mencionamos anteriormente, essa a posição da *Genealogia da Moral*. Ela é escrita sob a condição de gerar controvérsia, de ser o que de mais inquietante se escreveu até então. Pois segundo ele, a *Genealogia* não se limita à, simplesmente, uma tentativa pela busca da origem dos valores morais, ela se lança em busca das condições sob as quais surgiram determinados valores dos valores morais.

Em uma passagem de sua obra: *Aurora* (1880/1881) Nietzsche procura nos mostrar todo o seu comprometimento em transpor essa fronteira, em aprofundar-se no empreendimento crítico sobre o valor dos valores morais chegando até a se comparar a atividade de um Trofônio, a saber, personagem mitológico, arquiteto responsável por várias construções importantes na Grécia antiga; depois de um episódio em que teria roubado o tesouro de

um rei, foi engolido pela terra e passou a habitar, como oráculo, uma câmara subterrânea. (NIETZSCHE. *Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais*. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo. Companhia das Letras. 2004. p. 286.).

De acordo com Nietzsche, “Desci à profundidade, penetrei no alicerce, comecei a investigar e escavar uma velha *confiança*, sobre a qual nós, filósofos, há alguns milênios construíamos, como se fora de mais seguro fundamento – e sempre de novo, embora todo edifício desmoronasse até hoje: eu me pus a solapar nossa confiança na moral” (M/A. Prólogo. § 2. P: 10).

É com esse vigor que a *Genealogia* apresenta nessa profunda escavação no solo da moral os vários conceitos do par valorativo “Bom” e “Mau”, “Bom” e “Ruim”, os tipos nobre e escravo, as suas formas de atribuírem valor e as suas subdivisões em moral guerreira e sacerdotal, o ressentimento e a má consciência como expressões máximas de interiorização dos instintos e o sacerdote asceta expoente da impotência de agir.

Ao longo das três dissertações que compõem a *Genealogia da Moral* encontramos sem dúvida, suas partes dispostas de maneira isoladas, mas, encontramos também, toda esta crítica genealógica ao valor dos valores morais sustentados pelos psicólogos ingleses.

A crítica ao valor dos valores morais apresentada na *Genealogia da Moral* é de começo, ou seja, de cada vez mais haver um começo. Essa posição assumida por Nietzsche assegura que a cada começo de crítica aos valores da moral há uma instauração de um novo rumo, de uma nova perspectiva, de um novo olhar, isso nos mostra que o caráter da moral é dinâmico e não estático.

Como entende Nietzsche, “A cada vez um começo *calculado* para desorientar, frio, científico, irônico mesmo, intencionalmente primeiro plano, intencionalmente temporizador. Aos poucos, mais agitação; relâmpagos isolados; verdades bem desagradáveis anunciando-se ao longe com surdo zumbido (...). Ao final, a cada vez, entre detonações terríveis inteiramente, uma verdade nova se faz visível em meio a espessas nuvens” (EH/EH. § GM. P: 97).

CONCLUSÃO

A marcante presença do trágico não só pode mas deve exercer uma profunda alteração, no âmbito filosófico, à capacidade de suportar a existência motivada, aqui, por um redimensionamento afirmativo do sujeito em termos morais. Destarte, há na filosofia Nietzscheana um estreito vínculo entre o trágico e o moral, onde a figura de Dionísio atuará como operador na metafísica de artista no interior da tragédia ática.

O nosso intuito em tentar traçar alguns pontos entre a moral, a arte e sua gênese com a vida sob a perspectiva Nietzscheana foram aqui tratados de maneira bastante superficial.

Acredito não ter alcançado o patamar ideal de reflexão e até mesmo, por que não afirmar, de entendimento deste tão complexo problema.

No entanto, é necessário fazermos valer o que até aqui foi escrito, ou seja, entendamos como o primeiro, mas bem acanhado passo, na dura e longínqua caminhada no solo Nietzscheano que nos faz viver no deserto sem transformar em deserto a própria vida.

Essas são breves observações, levemente esboçadas, de um trabalho que se encontra no início. Sobretudo por entendermos o que o próprio Nietzsche nos diz na sessão 17 da primeira dissertação da *Genealogia da moral*. “Quem neste ponto começa a refletir, a reconsiderar, como meus leitores, tão cedo não chegará ao fim.” (GM/GM I § 17. P: 45).

REFERÊNCIAS

- AZEREDO, Vânia Dutra de. *Nietzsche e a Dissolução da Moral*. SP. Discurso Editorial. UNIJUÍ. 2000.
- DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. Tradução: António M. Magalhães. Rés Editora. 2001.
- _____. In: MARTON, Scarlett. (org). *Nietzsche hoje?* São Paulo. 1985. p. 55/76.
- FINK, Eugen. *A filosofia de Nietzsche*. Editorial Presença, 1983.
- ITAPARICA, André Luis Mota. *Nietzsche estilo e moral*. São Paulo. Discurso Editorial. Ijuí. Editora Unijuí. 2002.
- MACHADO, Roberto. *Nietzsche e a Verdade*. Rio de Janeiro. Graal. 1999.
- MARTON, Scarlett. *Nietzsche - Das forças cósmicas aos valores humanos*. 2º edição. Belo Horizonte. Editora UFMG. 2000.
- _____. *Nietzsche: a transvaloração dos valores*. Moderna, 1993.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo*. Tradução. De Paulo César de Souza. Cia. das letras, 2001.
- _____. *Além de Bem e Mal- prelúdio de uma filosofia do futuro*. Tradução: Paulo César de Souza. Cia. das letras. 1997.
- _____. *Genealogia da moral – Uma polêmica*. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. SP. Cia. das Letras. 1998.
- _____. *O Anticristo*. Tradução: Artur Mourão. Edições 70. 2000.
- _____. *A Gaia Ciência*. Tradução: Paulo César de Souza. Cia. das letras, 2001.
- _____. *O Nascimento da tragédia ou Helenismo e pessimismo*. Tradução, notas e posfácio: Jacó Guinsburg. São Paulo. Companhia das Letras. 1992.
- _____. *Obras Incompletas*. Tradução: Rubens Rodrigues Torres Filho. Posfácio: Antônio Cândido. Abril Cultural, 1999. (Coleção os Pensadores)
- PASCHOAL, Edmilson Antônio. *A Genealogia de Nietzsche*. Curitiba. PR Champagnat. 2003.
- VATTIMO, Gianni. *Introdução a Nietzsche*. Editoria Presença, 1999.